

A AÇÃO GRACIOSA DE DEUS SOBRE A VIDA DOS NÃO-ELEITOS COMO EFEITO COLATERAL DA OBRA REDENTORA DE CRISTO

*Arley Preto Gomes**

RESUMO

Para melhor compreensão da ação graciosa de Deus sobre a vida dos não-eleitos, faz-se necessária uma pesquisa histórica sobre o pensamento teológico de João Calvino, Abraham Kuyper e Herman Bavinck na conceituação e desenvolvimento da doutrina da graça comum, culminando na controvérsia ocorrida no seio da Igreja Cristã Reformada, na Holanda, no ano de 1924. Este estudo demonstra, a partir das evidências contidas na Sagrada Escritura, como essa ação graciosa divina restringe o pecado e seus efeitos na vida da humanidade, bem como concede dádivas, talentos, capacidades e aptidões aos homens, a fim de que isto promova o seu desenvolvimento em sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

Ação graciosa de Deus; Graça comum; Controvérsias; Restrição do pecado; Dons e talentos; Desenvolvimento da sociedade.

INTRODUÇÃO

A maior parte daqueles que representam o pensamento evangélico pauta-se sobre a premissa de que a obra redentora de Cristo estabeleceu uma antítese irremediável entre a igreja, plena e única receptora da graça divina, e o mundo, inapelavelmente marcado pela ira e desfavor do soberano Deus. Assim, não há, sob esta ótica, nada de bom a ser visto ou contemplado no mundo, uma

* O autor é médico, empresário e presbítero em disponibilidade da IPB em Jacuí, Minas Gerais. É aluno do curso de Mestrado em Teologia do CPAJ (Teologia Sistemática).

vez que este e seus habitantes jazem sob o jugo pleno do pecado e do diabo. A igreja reformada de origem calvinista destaca-se das demais igrejas protestantes por enxergar esta antítese por outra visão, que não simplesmente a completa negação de graça do Deus Criador e Salvador ao mundo dos não-eleitos.

Caminhando pela conceituação e desenvolvimento da doutrina a partir do pensamento reformado de linha calvinista e também sobre provas bíblicas, o presente trabalho assenta-se sobre a seguinte problemática: Há uma ação graciosa da parte de Deus também sobre a vida dos não-eleitos, como efeito colateral da obra redentora de Cristo?

Justifica-se a escolha do tema por se tratar de um assunto de grande relevância para a igreja cristã, quanto a sua relação com os homens não-redimidos, no que tange ao desenvolvimento da sociedade, da atividade científica e das artes, vistos sob a ótica do Deus Criador. A comunidade teológica também poderá contar com mais um instrumento acadêmico, visto que a presente pesquisa histórica procurou utilizar boas fontes primárias e secundárias e recorrer aos mais respeitados autores que tratam do tema. Os alunos dos cursos de graduação em teologia ou estudantes pós-graduandos poderão utilizar-se dos conhecimentos aqui acumulados, tomando-os como úteis à sua formação. Esta análise também tem em mente aqueles que negam que exista algum tipo de favor divino demonstrado ao mundo dos não-eleitos e se contrapõem a quem admita esta possibilidade.

A hipótese defendida é que Deus, de forma graciosa, realmente derrama bênçãos sobre o mundo dos não-eleitos, atuação essa conhecida como graça comum. Comum aqui não tem o sentido de ordinário, mas de algo que se aplica de forma geral a toda a humanidade. Objetiva-se, portanto, demonstrar através de um levantamento histórico, a conceituação e o desenvolvimento dessa doutrina no pensamento reformado calvinista e, concomitantemente, a comprovação encontrada nas Escrituras para sustentá-la.

As Escrituras registram que a humanidade caída encontra-se em completa oposição ao seu Criador e que este, através da obra redentora de Cristo, decretou mostrar sua graça salvífica àqueles que ele elegeu de antemão. Nos primeiros tempos, os cristãos assumiram uma atitude preponderantemente negativa para com o mundo, a sociedade e a cultura que deles emergia. Esses cristãos não eram tão numerosos, nem tampouco influentes em seu mundo, para participarem de forma ativa nas relações com o governo, a ciência e as atividades artísticas. Paralelamente, as instituições e expressões da cultura vigentes foram associadas à idolatria e à superstição resultantes da queda da humanidade em pecado.¹ Contudo, havia ainda manifestações na humanidade que sugeriam certo favor de Deus a este mundo.

¹ BAVINCK, Herman. *Calvin and common grace*. Disponível em: <<http://www.contra-mundum.org/books/calvin.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2006.

1. A GRAÇA COMUM NA TEOLOGIA REFORMADA

Durante a história da igreja não foram muitos os que se aventuraram a investigar ou analisar esse assunto, justamente por se aterem, via de regra, à graça salvadora de Deus sobre os eleitos. A Reforma Protestante do século 16 não só representou um retorno às Escrituras como voltou os olhos para aspectos da ação graciosa de Deus no mundo que não implicavam necessariamente em salvação. Essa ação graciosa de Deus foi definida pelo Dr. Charles Hodge como “aquela influência do Espírito que, em maior ou menor medida, é concedida a todos aqueles que ouvem a verdade”.² E é no pensamento reformado calvinista que nasce o conceito da graça comum. Analisando a necessidade de pensar acerca da graça comum, Louis Berkhof comenta:

O surgimento da doutrina da graça comum foi ocasionado pelo fato de que há no mundo, ao lado do curso da vida cristã com todas as suas bênçãos, um curso natural da vida que, não implicando redenção, exhibe, não obstante, muitos sinais do verdadeiro, do bem e do belo. Foi levantada a questão múltipla: Como podemos explicar a vida relativamente ordenada que há no mundo, se sabemos que o mundo inteiro jaz sob a maldição do pecado? Como é que a terra dá fruto precioso e abundante, em vez de só produzir espinhos e abrolhos? Como podemos explicar o fato de que o homem pecador ainda “conserva algum conhecimento de Deus, das coisas naturais e da diferença entre o bem e o mal, e demonstra alguma consideração pela virtude e pelo bom comportamento exterior”? Que explicação se pode dar dos dons e talentos especiais de que o homem natural é dotado, e do desenvolvimento da ciência e da arte por gente totalmente vazia da nova vida que há em Cristo Jesus? Como podemos explicar as aspirações religiosas dos homens de toda parte, até de pessoas que não tiveram contato com a religião cristã? Como é que os não regenerados ainda podem falar a verdade, fazer o bem aos outros e levar vidas exteriormente virtuosas?³

1.1 João Calvino e a graça comum

Atribui-se ao reformador genebrino a conceituação e o desenvolvimento da doutrina da graça comum. Calvino escreveu acerca desse tema por discordar do pensamento dos outros dois principais reformadores: Lutero e Zuínglio.

Lutero sustentava que o homem caído é, por natureza, capaz de fazer muita coisa boa e louvável na esfera terrena, embora incapaz de fazer qualquer bem espiritual. Zuínglio, por sua vez, via o pecado não como culpa, mas como corrupção, sendo que a graça era, então, santificante e tinha o poder de influenciar em certa medida o mundo, no que era “verdadeiro, belo e bom”.⁴

² MURRAY, John. *Common grace*. Disponível em: <http://www.sounddoctrine.net/LIBRARY/ModernDayReformedTeaching/JohnMurray/Common_Grace.htm> Acesso em: 23 out. 2006.

³ BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1998, p. 433.

⁴ *Ibid.*, p. 435.

Calvino discordou de ambos, pois afirmava categoricamente que o homem natural estava impossibilitado, por si só, de fazer alguma coisa boa, sendo assim necessária a ação da graça salvadora. Contudo ao lado desta graça salvadora, ele conceituou a ação daquilo que chamou de “graça geral”, que não tinha ação perdoadora nem santificadora na natureza caída do homem, e não salvava os perdidos. No entanto, esta graça tinha o poder de restringir a ação do pecado, trazer ordem ao universo, distribuindo dons e talentos aos homens, promovendo o desenvolvimento das artes e da ciência, e agindo na distribuição de muitas bênçãos aos seres humanos.

Em sua magnífica obra *Institutas da Religião Cristã*, Calvino descreve a ação dessa graça da seguinte maneira:

Mas, aqui, deve-nos ocorrer que no meio desta corrupção de nossa natureza há algum lugar para a graça de Deus; não para a graça no tocante a purificá-la, mas a restringi-la interiormente... Assim, Deus, por sua providência, refreia a perversidade natural para que não irrompa em ação, mas não a purifica interiormente.⁵

O reformador de Genebra atribui graça à humanidade caída, entendendo que esta, mesmo em seu estado de pós-queda, não foi destituída de tudo. Por ação desta graça de Deus a imagem do Criador ainda permanece no homem. Contudo, para Calvino, não há dois tipos diferentes de “graça” em Deus: é a mesma graça, só que com finalidades distintas. Ronald Wallace, estudioso da vida do reformador, observa:

Calvino não hesita em atribuir à mesma graça que nos alcança em Cristo o fato de que, na queda, a humanidade não foi destituída de tudo que era bom. É por meio desta graça que a imagem de Deus não foi totalmente aniquilada ou destruída. Portanto, ele fala de uma “graça geral de Deus”, manifesta nas coisas boas que foram deixadas em nós, mediante as quais somos feitos diferentes dos animais selvagens. Ele inclui entre estes sinais dessa graça geral de Deus não apenas a capacidade do homem de se conduzir em relações sociais decentes, mas também a “concepção universal da razão e da inteligência implantadas” nos homens. É apenas pela graça de Deus que não somos todos uns imbecis.⁶

Calvino entendia que deveria ser feita uma distinção entre aquilo que ele chamou de “coisas terrenas” e “coisas celestiais”, e qual era a finalidade da graça divina. As coisas celestiais eram aquelas cuja compreensão só se daria através da graça especial de Deus. Elas diziam respeito ao Reino de Deus, à

⁵ CALVINO, João. *As Institutas*. 2.3.3. Edição Clássica. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, Vol. 2, p. 60.

⁶ WALLACE, Ronald. *Calvino, Genebra e a Reforma*. São Paulo: Cultura Cristã. 2003, p. 92.

verdadeira justiça, à bem-aventurança. Quanto às coisas terrenas, a compreensão humana foi mantida, mesmo depois da queda, como dons naturais que pertencem ao homem em sua secularidade essencial. A esta classe de coisas o reformador relaciona a ciência política, a economia doméstica, todas as artes mecânicas e as disciplinas liberais:

Quanto à primeira dessas classes (terrenas), porém, assim se deve confessar: uma vez que o homem é um animal por natureza social, conseqüentemente propende por instinto natural a promover e conservar esta sociedade, e por isso observamos que existem na mente de todos os homens impressões universais não só de probidade, como também de uma ordem civil. Daqui resulta que não se ache ninguém que não compreenda ser conveniente que todas e quaisquer comunidades humanas sejam reguladas por leis, e que abarque na mente os princípios destas leis. Daqui esse perpétuo assentimento para com as leis, tanto de todas as nações quanto de cada mortal; por isso, sem mestre ou legislador, as sementes são implantadas em todas.⁷

Herman Bavinck, em um texto comemorativo ao 4º centenário do nascimento de Calvino, analisa o seu pensamento quanto ao desenvolvimento da doutrina da ação graciosa de Deus na vida dos não-eleitos. Ele comenta:

Calvino afirma, é verdade, que as virtudes do homem natural, embora nobres, não são suficientes para a justificação diante do tribunal de Deus, mas isto é devido a sua profunda convicção de majestade e caráter espiritual da lei moral. Ao lado disto, ele é muito generoso em seu reconhecimento do que é verdadeiro e bom, o que não é encontrado em nenhum outro reformador... Portanto Calvino vê a totalidade da vida inundada com a luz da glória divina. É como se em toda a natureza não houvesse nenhuma criatura que não refletisse a divina perfeição.⁸

Embora Calvino não tenha usado o termo “graça comum” para descrever esta graça geral de Deus, ele realizou um trabalho inédito nessa área do pensamento teológico. Mesmo não tendo apresentado uma doutrina da graça comum plenamente elaborada, ensinou claramente que há uma graça divina que restringe a manifestação da impiedade na vida da humanidade, sem, contudo remover a pecaminosidade do coração humano. Este favor de Deus permite aos não regenerados falar a verdade e produzir bons frutos culturais. Os teólogos da tradição reformada posterior a Calvino chamaram essa doutrina de “graça comum”.⁹

⁷ CALVINO, *As Institutas*, p. 41, 42.

⁸ BAVINCK, *Calvin and common grace*.

⁹ HOEKEMA, Anthony. *Criados à imagem de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999, p. 211.

Embora se atribua a João Calvino a autoria da doutrina que trata da ação graciosa de Deus também na vida dos não-regenerados, o desenvolvimento da mesma se deve aos teólogos holandeses Abraham Kuyper e Herman Bavinck.

1.2 *Abraham Kuyper*

Abraham Kuyper (1837-1920) foi, além de teólogo, um hábil político. Começou seus estudos com brilhantismo na Universidade de Leiden, onde desde cedo abraçou o liberalismo teológico. Contudo, ao exercer o ministério pastoral em uma pequena comunidade interiorana, foi levado por seus paroquianos a converter-se à ortodoxia. Retornando a Amsterdã, tornou-se um pregador popular contra o liberalismo, alcançando grande destaque. Em 1874, tornou-se parlamentar, representando o recém-formado Partido Anti-Revolucionário. Em 1880 fundou a Universidade Livre de Amsterdã e em 1900 tornou-se primeiro-ministro da Holanda. Escreveu muitos livros e artigos sobre teologia, filosofia, política, arte e questões sociais, nos quais expressou sua visão cristã da vida e do mundo.¹⁰

O teólogo e estadista holandês é o responsável pelo desenvolvimento da doutrina da graça comum, em conexão com as doutrinas da “soberania de Deus” e da “depravação total”. Ele partiu de uma visão da importância do Reino de Deus no pensamento cristão. Sobre essa visão, ele afirma: “Não existe uma só polegada, em todo o domínio de nossa vida humana, da qual Cristo, que é soberano de tudo, não proclame ‘é minha’”.¹¹

Kuyper desafiou a sua sociedade a uma posição de completa fidelidade ao seu Criador. Segundo o seu pensamento, Deus não apenas havia criado todos os homens, mas ele também era tudo para toda a humanidade, e sua graça se estendia não apenas aos eleitos, mas a toda a humanidade criada. Ele afirma:

Contra todos aqueles que dizem que o mundo pertence a Satanás ou às forças do mal, o próprio Deus anuncia: “O mundo é meu, e quanto nele se contém” (Sl 50.12). Ele o criou e o sustém pelo seu poder. Mesmo no estado atual de rebeldia em que o mundo se encontra a sua graça comum traz o bem do mal e restringe a maldade humana.¹²

Abraham Kuyper produziu, em três volumes, o mais denso tratado acerca da graça comum já escrito. No volume I, ele traça, sob uma perspectiva bíblico-histórica, a história da graça comum desde o pacto com Noé até o término do Novo Testamento. No volume II, sob uma ótica doutrinária, trata da relação

¹⁰ ELWELL, Walter A. *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. Vol. II. São Paulo: Edições Vida Nova, 1990, p. 406.

¹¹ Apud HORTON, Michael S. *O cristão e a cultura*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998, p. 32.

¹² *Ibid.*, p. 175.

da doutrina com a criação, a predestinação, a história do mundo, a igreja, a providência, a maldição e a cultura. Por fim, no volume III, de forma prática, aplica o conceito de graça comum a assuntos como governo, igreja e estado, família, educação e sociedade. Conforme Kuyper interpreta, a graça de Deus se manifesta não apenas para a salvação dos eleitos, mas porque toda a criação existe para o propósito de glorificar a Deus. Ele afirma:

Pois Deus não somente criou todos os homens, não somente ele é tudo para todos os homens, mas sua graça também se estende, não somente como uma graça especial aos eleitos, mas também como graça comum a toda a humanidade... A graça comum pela qual Deus conserva a vida no mundo, relaxa a maldição que pesa sobre ele, detém o processo de corrupção e consequentemente permite o desenvolvimento de nossa vida na qual ele glorifica a si mesmo como Criador... Se Deus é soberano, então seu senhorio deve permanecer sobre toda a vida e não pode ficar circunscrito aos muros ou aos círculos cristãos.¹³

A doutrina da graça comum no pensamento kuyperiano pode ser analisada como tendo um aspecto negativo, ou seja, “a restrição dos efeitos do pecado sobre a criação”, e também um aspecto positivo, que é “a atitude favorável de Deus para com sua criação e a humanidade”. G. C. Berkouwer comenta o seguinte acerca do pensamento kuyperiano sobre a graça comum:

Kuyper segue os passos de Calvino em sua idéia da graça geral ou graça comum de Deus... Segundo Kuyper, esse ensino forma uma parte indispensável da doutrina reformada. Ele tem sua origem na confissão do caráter mortal do pecado e não de alguma tentativa de relativizar a extensão da corrupção. Kuyper, à semelhança de Calvino, fica encantado com as belas e imponentes realizações humanas fora da igreja. Esse fato inegável, diz Kuyper, coloca-nos diante do aparente dilema de negar todas as realizações humanas ou então de ver o homem como não estando, apesar de tudo, totalmente decaído. Mas a doutrina reformada recusa-se a escolher qualquer uma das alternativas do dilema. Por um lado, esse bem não pode e não deve ser negado; por outro lado, a plenitude da corrupção não pode ser diminuída. Há somente uma solução: que a graça está em ação mesmo no homem decaído, para reprimir a destruição que é inerente ao pecado.¹⁴

O legado deixado por Abraham Kuyper para a fé e o pensamento teológico reformado é incalculável. A ele se credita a tarefa de desenvolver a base da doutrina da graça comum. Seu interesse não foi despertado apenas pelo aspecto teológico, mas também por sua relevância prática. Ele buscou responder

¹³ BACOTE, Vicent. *A neo-Kuyperian assist to the emergent church*. Disponível em: http://www.vanguardchurch.com/a_neo-kuyperian_assist_to_the_emergent_church.htm. Acesso em: 23 out. 2006.

¹⁴ Apud HOEKEMA, *Criados à imagem de Deus*, p. 213.

às conseqüências do pensamento racionalista-modernista. Em contraponto a este raciocínio, ele procurou, a partir da visão da soberania de Deus, dotar a fé reformada de uma ampla visão acerca do mundo e da criação.

1.3 Herman Bavinck

Herman Bavinck (1854-1921) foi, como Kuyper, um teólogo de grande destaque no desenvolvimento neocalvinista na Igreja Reformada da Holanda. Foi um estudante brilhante e diligente, reconhecido por sua piedade. Estudou na Universidade de Leiden com os mais destacados teólogos liberais holandeses. Posteriormente, escreveu que a graça de Deus o preservou na fé reformada, apesar daqueles professores.

Depois de um curto pastorado, Bavinck tornou-se professor no Seminário de Kampen (1883-1902), estabelecendo-se como um respeitável teólogo. Em 1902, tomou o lugar de Kuyper como professor de teologia sistemática na Universidade Livre de Amsterdã, depois que este se tornou Primeiro-Ministro da Holanda. Escreveu muitos textos sobre política, educação cristã, ética, família, criação versus evolução e sobre a então nova ciência da psicologia.

Em sua piedade e estilo de vida, Bavinck sempre permaneceu perto de suas origens separatistas, mas em sua obra acadêmica ele mostrou uma abertura e sensibilidade notável aos desdobramentos do século 19. Sua preocupação sempre foi utilizar recursos acadêmicos de seu tempo para a renovação da tradição reformada.¹⁵ Bavinck fez contribuições importantes para o desenvolvimento da doutrina da graça comum. Ao ser empossado como diretor do Seminário da Kampen, em 1894, ele proferiu um discurso intitulado “Graça Comum”, no qual afirmou:

Desta graça comum procede tudo o que é bom e verdadeiro que ainda vemos no homem decaído. A luz ainda brilha nas trevas. O Espírito de Deus vive e trabalha em tudo o que foi criado. Logo, ainda permanecem no homem certos traços da imagem de Deus. Há ainda intelecto e razão; todas as espécies de dons naturais ainda estão presentes neles. O homem ainda tem percepção e uma impressão da divindade, uma semente da religião. A razão é um dom inestimável. A filosofia é um dom admirável de Deus. A música também é um dom de Deus. As artes e as ciências são boas, proveitosas e de alto valor. O estado foi instituído por Deus... Há ainda uma aspiração por verdade e virtude, também pelo amor natural entre pais e filhos. Em assuntos que dizem respeito a esta vida terrena, o homem é capaz ainda de fazer muitas coisas boas... Pela doutrina da graça comum os reformados têm, por um lado, mantido o caráter específico e absoluto da religião cristã, mas, por outro lado, ninguém os tem ultrapassado em sua valorização do que for bom e belo como dádivas de Deus aos seres humanos.¹⁶

¹⁵ TANGELDER, Johan D. *Dr. Herman Bavinck 1854-1921 - theologian of the Word*. Disponível em: <http://www.banneroftruth.org/pages/articles/article_detail.php242>. Acesso em: 23 out. 2006.

¹⁶ Apud HOEKEMA, *Criados à imagem de Deus*, p. 212.

O pensamento doutrinário de Bavinck sobre a graça comum partia da pressuposição de que havia uma relação entre “natureza e graça”, “criação e regeneração”, “vocação terrena e voca o celestial”, “homem e cristão”. Para ele, o princípio desta rela o se estabelecia sobre a premissa de que todas as coisas, e todo o mundo, foram criados por Deus, e em toda parte há lampejos de sua divina glória. O teólogo holandês sempre nutriu grande considera o pela “imagem de Deus no homem”, ainda que não negasse a condi o de deprava o decorrente do pecado. Via a graça comum como a interven o de Deus para atenuar as conseq ncias do pecado. Ele ratifica:

O homem, pela Queda, não se tornou um dem nio que   incapaz de reden o, que não pode mais revelar as fei es da imagem de Deus. Mas, embora tenha permanecido genuína e substancialmente homem e tenha preservado todas as faculdades, capacidades e habilidades humanas, a natureza, a disposi o e orienta o de todos esses poderes foram de tal forma mudados, que, agora, ao invés de fazer a vontade de Deus, os homens satisfazem   lei da carne... A essa humanidade pertence seu desenvolvimento, sua história, seu crescente domínio sobre a terra, seu avanço em conhecimento e arte, além de seu domínio sobre todas as suas criaturas. Tudo isso   um descobrir da imagem e semelhança de Deus segundo a qual o homem foi criado.¹⁷

Herman Bavinck foi um dos mais destacados teólogos reformados da história. Foi um grande erudito e também um homem piedoso. Fez grandes contribui es   cultura,   educa o cristã,   política,    tica. Ajudou a recolocar a fé reformada no devido lugar em que ela merece estar, mas, acima de tudo, foi um homem que desejava ardentemente viver para a glória de Deus.

1.4 A controvérsia de 1924 sobre a graça comum

A conceitua o doutrinária da graça comum, conforme articulada por João Calvino e desenvolvida por Kuyper e Bavinck, propagou-se com grande ênfase por toda a fé reformada ao redor do mundo. Talvez seu maior impacto se tenha feito sentir sobre as igrejas de linha reformada nos Estados Unidos, devido   forte influência dos imigrantes holandeses. Contudo, nem todos os teólogos reformados subscreveram a doutrina da graça comum segundo Calvino, Kuyper e Bavinck.

A controvérsia sobre a graça comum esteve primeiramente associada a certos ensinamentos de Ralph Janssen, um professor de Antigo Testamento no Calvin Theological Seminary, em Grand Rapids, Estado de Michigan. Janssen nasceu na Holanda em 1874, mas emigrou ainda jovem para a América. Estudou no Hope College, da Universidade de Chicago (1898), e posteriormente em Estrasburgo, Heidelberg, Lausanne e Halle, até 1902. A partir desse ano,

¹⁷ Ibid., p. 99.

assumiu o cargo de professor de Antigo Testamento em uma escola teológica da Igreja Cristã Reformada, até 1906. Durante este período, surgiram tensões na escola pelo fato de Janssen não ser um ministro ordenado como os demais professores, e também por questões relacionadas à autoridade da igreja quanto à ciência. Depois disso, Janssen deu continuidade a seus estudos teológicos na Universidade Livre de Amsterdã, até 1908. De 1908 a 1914, foi professor de grego no Knox College, em Illinois.

Em 1914, Janssen tornou-se professor no Calvin Theological Seminary. Algum tempo depois, surgiram novos problemas, agora relacionados com seus colegas, os professores Louis Berkhof, William Heyns, Foppe Tem Hoor e Samuel Volbeda. Janssen havia introduzido conceitos da Alta Crítica em suas aulas sobre o Antigo Testamento. Quando questionado sobre seu pensamento acerca disto, Janssen apelou à doutrina da graça comum para sustentar os seus ensinamentos. Seu entendimento sobre a doutrina era o mesmo de Kuyper e Bavinck, mas ele acrescentou a isto conceitos da Alta Crítica. As posições doutrinárias de Janssen com relação à Alta Crítica foram condenadas pelo Sínodo de 1922; contudo, o Sínodo não tomou nenhuma decisão acerca da doutrina em si mesma. Janssen foi deposto do seu cargo, mas muitos de seus partidários permaneceram na Igreja.¹⁸

Nesse período, entrou em cena a figura do Rev. Herman Hoeksema, um ministro da Igreja Cristã Reformada. Ele decidiu trazer à tona a questão da graça comum, na esperança de que sua denominação repudiasse a doutrina. Hoeksema começou a escrever uma série de artigos no jornal da denominação, *The Banner*, na qual submeteu a doutrina a uma cuidadosa análise bíblica e chegou à conclusão de que a doutrina da graça comum era contrária à Escritura Sagrada. Muitos protestos foram levantados contra Hoeksema, tanto por parte de pessoas de sua igreja local, como de toda a denominação, mas ele continuou a negar a doutrina como sendo bíblica. Então, a Igreja Cristã Reformada, reunida em 18 de junho de 1924 em Kalamazoo (Michigan), depôs o Rev. Hoeksema e alguns outros ministros que concordavam com suas idéias. Nesta mesma reunião, a Igreja Cristã Reformada adotou o que viria a ser denominado “Os Três Pontos da Graça Comum”. Eles afirmam:

O PRIMEIRO PONTO: “Em relação ao primeiro ponto, que se refere à atitude favorável de Deus em relação à humanidade em geral e não apenas aos eleitos, o sínodo declara que é procedente, de acordo com a Escritura e as Confissões que, partindo da graça salvífica de Deus apresentada apenas aos que foram eleitos para a vida eterna, há também um certo favor ou graça de Deus que ele apresenta a suas criaturas em geral. Isto é evidente pelas passagens bíblicas citadas e a partir

¹⁸ HANKO, Herman C. *The controversy in the Christian Reformed Church in 1924*. Disponível em: <http://www.prca.org/current/index_files/FreeOffer/Chapter10.htm>. Acesso em: 23 out. 2006.

dos Cânones de Dort II:5 e III-IV:8,9, que tratam da oferta geral do Evangelho, assim como também aparece em citações tomadas de autores reformados do mais prolífico período da Teologia Reformada que nossos escritores do passado favoreciam esse ponto de vista. Prova Bíblica: Sl 145.9; Mt 5.44,45; Lc 6.35,36; At 14.16,17; 1 Tm 4.10; Rm 2.4; Ez 33.11; Ez 18.23”.

O SEGUNDO PONTO: “Em relação ao segundo ponto, que se refere à contenção do pecado na vida dos indivíduos e da comunidade, o Sínodo declara que há esta contenção do pecado, de acordo com as Escrituras e a Confissão. Isto é evidente pelas passagens bíblicas citadas e pela Confissão Holandesa, artigos 13 e 36, que ensinam que Deus, pela operação geral de Seu Espírito, sem regenerar o coração do homem, refreia um desenvolvimento descontrolado do pecado, e por isto a vida humana em sociedade continua possível; é evidente também em citações tomadas de autores reformados do mais prolífico período da Teologia Reformada que nossos pais da Reforma eram da mesma opinião. Prova Bíblica: Sl 81.12; Gn 6.3; At 7.42; Rm 1.24,26, 28; 2 Ts 2.6,7”.

O TERCEIRO PONTO: “Em relação ao terceiro ponto, que se refere à questão da justiça civil como executada pelo não-regenerado, o Sínodo declara, de acordo com as Escrituras e as Confissões, que o não-regenerado, embora incapaz de fazer qualquer bem salvífico, pode fazer o bem civil. Isto é evidente a partir das citações das Escrituras e dos Cânones de Dort, III-IV:4, e a partir da Confissão Holandesa, Art. 36, que ensina que Deus, sem regenerar o coração, influencia o homem para que seja capaz de realizar o bem civil; assim como também, a partir das citações dos escritores reformados do período mais prolífico da Teologia Reformada, que nossos Pais da Reforma dos tempos antigos eram da mesma opinião. Prova Bíblica: 2 Rs 10:29,30; 2 Rs 12:2; 14:3; Lc 6.33; Rm 2:14”.¹⁹

Herman Hoeksema se negou a aceitar e subscrever tal confissão. Então ele e alguns seguidores, dentre eles Henry Donhof, deixaram a Igreja Cristã Reformada e fundaram uma nova denominação, a Igreja Protestante Reformada. Desde então, esta nova denominação reformada tem combatido a doutrina da graça comum conforme defendida pela Igreja Cristã Reformada. Segundo Hoeksema, a graça comum é oriunda da teoria de Kuyper e Bavinck, e não da Bíblia.

A Igreja Protestante Reformada nega a doutrina porque esta propõe uma concepção da história na qual Deus tem dois propósitos distintos. Um deles é o desenvolvimento da cultura ímpia no mundo pagão através da graça comum e o outro é a salvação da igreja através da graça especial, sendo que os dois correm lado a lado e não se cruzam. Além disso, parece que o propósito do desenvolvimento da cultura é o mais importante dos dois.²⁰ As idéias de Hoeksema deram início a um tipo de hipercalvinismo.

¹⁹ GRITTERS, Barry. *Graça incomum*. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/pneumatologia/graca_incomum.htm>. Acesso em: 23 out. 2006.

²⁰ ENGELSMA, David J. *Common bounty or common grace?* Disponível em: <http://www.prc.org/articles/article_4.html>. Acesso em: 23 out. 2006.

2. AS PRINCIPAIS AFIRMAÇÕES DA GRAÇA COMUM E A BÍBLIA

A conceituação e posterior desenvolvimento da doutrina da graça comum não resultaram simplesmente do apreço que João Calvino tinha pelos clássicos,²¹ ou da necessidade de Kuyper e Bavinck de oferecer um substituto para o modelo racional-liberal da cultura de seus dias. Resultou, sim, da reflexão que fizeram sobre as Sagradas Escrituras naquilo que elas testificam acerca do favor que Deus dispensa aos eleitos, aos não-eleitos e enfim a toda a sua criação. Há abundantes evidências bíblicas acerca dessa graça divina. A fim de melhor apresentá-los, os textos bíblicos serão harmonizados obedecendo-se à classificação sugerida por Calvino, e também por Kuyper, de apresentação da doutrina em dois aspectos: o aspecto negativo, ou seja, a restrição do pecado, e o aspecto positivo, a saber, a ação abençoadora de Deus.

2.1 A restrição do pecado e de suas conseqüências

A Bíblia registra em Gênesis capítulo três o relato da queda do ser humano por meio do pecado. A Queda trouxe consigo a culpa e a corrupção da humanidade, e também a maldição de Deus sobre a criação. Deus pronunciou uma sentença de morte sobre o homem por causa do pecado: “mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, certamente morrerá” (Gn 2.17 – NVI).²² No entanto, mesmo após pecarem contra Deus, Adão e Eva não foram mortos imediatamente. Deus poderia tê-los julgado e enviado ao inferno imediatamente, sendo absolutamente justo neste julgamento, mas não o fez. Ao invés disso, ele graciosamente permitiu que o primeiro casal vivesse e se multiplicasse. Acerca desta ação graciosa de Deus em restringir o julgamento imediato do pecado, Gruden comenta:

Adão e Eva não morreram imediatamente (embora a sentença de morte começasse a ser aplicada na vida deles no dia em que pecaram). A execução plena da sentença de morte foi retardada por muitos anos. Além disso, milhões de seus descendentes até o dia de hoje não morrem nem vão para o inferno tão logo pecam, mas continuam a viver por muitos anos, desfrutando bênçãos incontáveis nesta vida... É a graça de Deus pela qual ele dá às pessoas bênçãos inumeráveis que não são parte da salvação.²³

A Palavra do Senhor afirma que, neste aspecto de restrição do pecado e suas conseqüências, Deus restringe a aplicação de seu julgamento imediato e de sua ira contra a impiedade: “Por causa da perversidade do homem, meu

²¹ Os autores clássicos latinos e gregos que Calvino apreciava.

²² Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional (Editora Vida). Todos os textos citados são extraídos dessa tradução.

²³ GRUDEN, Wayne. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 301.

Espírito não contenderá com ele para sempre; ele só viverá cento e vinte anos” (Gn 6.3). O texto implica que Deus suportaria o homem em sua misericórdia e paciência.

A ação restritiva de Deus acontece também pelo fato de Deus não permitir que o homem execute e exteriorize plenamente sua completa depravação. A graça de Deus refreia o pecado. Murray pondera: “A restrição é talvez a característica mais impressionante e facilmente perceptível concedida pela graça não-salvífica que Deus dispensa a este mundo indigno e amaldiçoado”.²⁴ Gênesis 20 registra uma situação ocorrida entre Abrão e Abimeleque, rei dos filisteus: “Sim, eu sei que você fez isso de coração puro. Eu mesmo impedi que você pecasse contra mim e por isso não lhe permiti tocá-la” (Gn 20.6). Deus está dizendo ao rei pagão e ímpio que ele, Deus, restringiu o seu pecado. Paulo, o apóstolo, em sua Epístola aos Romanos, tratando acerca da não glorificação de Deus por parte dos homens ímpios, observa:

Por isso Deus os entregou à impureza sexual, segundo os desejos pecaminosos do seu coração, para degradação do seu corpo entre si... Por causa disso Deus os entregou a paixões vergonhosas... Além do mais, visto que desprezaram o conhecimento de Deus, ele os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem o que não deviam (Rm 1.24,26,28).

Sobre esse texto, Hoekema observa: “Isso implica claramente que antes deste ‘entregar’ Deus estava restringindo a manifestação do pecado em suas vidas; num determinado ponto, contudo, essa restrição foi retirada”.²⁵ Jonathan Edwards afirma:

Há nas almas dos homens ímpios o domínio daqueles princípios infernais que de fato despertariam e se inflamariam para o fogo do inferno se não fossem restringidos por Deus. Há dormente na mais carnal natureza humana um fundamento para os tormentos do inferno. São aqueles princípios corruptos, o poder reinante neles e na plena possessão deles, que são os princípios do fogo do inferno. Estes princípios são ativos e poderosos, excedendo-se em violência na natureza deles, e se não fossem restringidos pela mão de Deus sobre eles, logo se libertariam e se inflamariam depois do mesmo modo com as mesmas corrupções, a mesma inimizade nos corações das almas condenadas, os mesmos tormentos neles como eles fazem aos outros. As almas dos ímpios são comparadas na Escritura ao mar revoltado (Is 57.20). No presente, Deus restringe a maldade deles por seu forte poder, como ele faz com as ondas raivosas do mar revoltado, dizendo: “Até aqui”.²⁶

²⁴ MURRAY, *Common grace*.

²⁵ HOEKEMA, *Criados à imagem de Deus*, p. 216.

²⁶ Apud MURRAY, *Common grace*.

Essa restrição aparece muito cedo na história da humanidade. Segundo Gênesis 3.22-23, se Deus permitisse que o homem comesse da árvore da vida, em estado de rebelião contra ele, seria terrível. Então o Senhor expulsou o homem do Éden. Em Gênesis 4.15, Deus coloca um sinal no assassino Caim para protegê-lo da violência.

Uma outra forma de restrição do pecado é mencionada pelo apóstolo Paulo em Romanos: “Todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais, pois não há autoridade que não venha de Deus... É servo de Deus, agente da justiça para punir quem pratica o mal” (Rm 13.1,4). Paulo afirma que as autoridades são instrumentos divinos para refrear a depravação humana. Hoekema assevera:

Uma das maneiras pelas quais o pecado é refreado na vida dos seres humanos é pelas penas impostas pelo Estado sobre criminosos e outros transgressores da lei – punições tais como multas, sentenças de prisão e, algumas vezes, inclusive a pena de morte... Quando Paulo nos diz que toda autoridade humana é ministro de Deus, ele evidentemente indica que Deus é quem, por meio de tais autoridades, está restringindo o pecado.²⁷

A Palavra do Senhor nos assegura que é graças à atuação restritiva do Espírito Santo que o pecado não se torna plenamente manifesto. Mas haverá uma ocasião em que o pecado terá seus limites retirados, e nessa ocasião a humanidade transbordará em maldade e rebeldia, personificada na figura do Anticristo (2 Ts 2.7-12). Contudo, não se pode supor que essa restrição feita por Deus ao pecado e seus efeitos sobre a vida da humanidade seja a completa erradicação da natureza pecaminosa.

2.2 A promoção e desenvolvimento da humanidade

Além do aspecto negativo da restrição, as Escrituras também nos asseguram de que há um aspecto positivo dessa ação graciosa de Deus sobre a humanidade, com o propósito de promover o seu desenvolvimento. Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, e o abençoou:

Deus os abençoou, e lhes disse: Sejam férteis e multipliquem-se! Encham a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra (Gn 1.28).

Ao dar sua bênção, Deus promete tornar os seres humanos aptos a se propagarem e gerarem filhos que encherão a terra; ele também promete dar-lhes a capacidade para subjugar a terra e para terem domínio sobre os animais e sobre a própria terra. Embora essas palavras sejam chamadas uma bênção,

²⁷ HOEKEMA, *Criados à imagem de Deus*, p. 216.

elas também contêm um mandamento ou mandato. Deus ordena que o homem seja fecundo e tenha domínio. Esse é geralmente chamado de mandato cultural: a ordem de governar a terra para Deus e de desenvolver uma cultura que glorifique a Deus.²⁸

Por ocasião da Queda da humanidade no pecado, o mandato não foi invalidado, ainda que a capacidade de criar uma cultura para a glória de Deus houvesse sido manchada. Por meio da graça comum, o homem não-regenerado é capacitado a fazer contribuições significativas para o cumprimento do mandato cultural. É graças a esse favor divino, que se pode explicar a possibilidade da cultura e da civilização neste mundo amaldiçoado pelo pecado. Comentando acerca desta relação entre a graça de Deus e o desenvolvimento da humanidade, Daniel Strange afirma:

Mesmo no livro de Gênesis, no ponto mais primitivo da história da humanidade, devemos notar que a linhagem que vai do homicida Caim até Lameque produzia agricultura e música, além de possuir destreza profissional (4.17-22). Ao mesmo tempo em que precisamos reconhecer a depravação da humanidade, devemos admitir o progresso, o desenvolvimento e o mandamento cultural de encher e subjugar a terra, recebido em Gn 1.28.²⁹

Portanto, Deus mostra seu favor ao mundo dispensando suas bênçãos sobre ele na forma de dons, talentos, aptidões, e essas bênçãos são vistas na forma de desenvolvimento das artes, da ciência. Os seres humanos são capazes de fazer o bem, na forma de obras, ainda que não salvíficas. Deus estimula o interesse pela prática das virtudes, tudo visando à promoção da humanidade. Tiago, em sua epístola, afirma: “Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes” (Tg 1.17). E o Salmista também atesta esta bondade de Deus: “O Senhor é bom para todos; a sua compaixão alcança todas as suas criaturas” (Sl 145.9). Deus derrama seu favor sobre o homem na forma de habilidades e conhecimento para fazer o bem e promover a sociedade. O próprio Jesus aponta para esta ação graciosa divina no mundo, afirmando que ela é por pura bondade do Criador: “Porque Ele (Deus) faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos” (Mt 5.45).

A Palavra de Deus atesta que o homem caiu em pecado e que os efeitos e conseqüências desta queda são refletidos na humanidade, na cultura e no relacionamento que o ser humano tem com seu semelhante e com a natureza. O propósito divino original, no sentido de que a humanidade produzisse uma cultura que glorificasse o seu Criador, foi maculado pela entrada do pecado no

²⁸ Ibid., p. 27.

²⁹ STRANGE, Daniel. *O inimigo de meu inimigo pode ser meu amigo?* Disponível em: <<http://www.teologiabrasileira.com.br/materia.asp?MateriaIID=236>>. Acesso em: 23 out. 2006.

mundo. Relatos bíblicos sobre as civilizações de Babel, Sodoma e Gomorra atestam este efeito cultural e social pós-queda. Contudo, outras partes das Sagradas Escrituras apontam para a graça de Deus que abençoa a humanidade mesmo em meio a uma sociedade e cultura caídas.

CONCLUSÃO

A doutrina da graça comum pontua esta ação de Deus, na qual ele bondosa e misericordiosamente derrama bênçãos sobre a humanidade caída. Através de seu Espírito Santo, Deus age sobre o mundo no sentido de restringir o pecado e seus efeitos sobre a criação, além de também dotar a humanidade com uma série de bênçãos para motivar e promover o seu desenvolvimento.

Muitas objeções são levantadas quanto à veracidade dessa doutrina, por se considerar que a mesma nega a realidade da depravação humana e a incapacidade do homem de fazer o que agrada a Deus. Também se alega que talvez ela ponha em cheque a antítese expressamente declarada nas Escrituras entre o mundo e a igreja. Contudo, a afirmação desse favor divino não nega as demais doutrinas; ao contrário, as reafirma. Pois, como se podem explicar as manifestações de verdade, bondade, beleza, desenvolvimento e ordem que contemplamos neste mundo amaldiçoado pelo pecado? Como foi visto, a conceituação deste princípio doutrinário não surgiu porque o reformador João Calvino apreciava os escritores clássicos e então tentou incorporar alguma coisa deles na sua concepção de reforma. Nem tampouco é fruto da necessidade sentida por Abraham Kuyper e Herman Bavinck de fornecer uma visão de mundo alternativa em relação ao pensamento modernista liberal.

A graça comum não é a proposição de que existe um outro tipo de graça em Deus que não a sua graça salvadora. A atuação desta graça deve ser vista como sendo um efeito colateral da obra redentora de Cristo, uma vez que o próprio Cristo é quem derrama graça sobre este mundo de maneiras distintas. Primeiramente, ele, como o Verbo de Deus eterno e criador, sustenta todas as coisas através de sua palavra poderosa, dotando os homens de entendimento e outras capacidades, as quais, embora tenham sido manchadas pela Queda, não foram destruídas. E ele restaura e renova a natura caída do homem para a salvação.

Portanto, não se pode negar que a Escritura apresenta o Espírito Santo como sendo o Espírito de verdade, de santidade e de vida em todas as suas expressões. Ele se faz presente em cada mente humana, restringindo o pecado, capacitando para o bem, dotando com talentos e aptidões, quando, como e na medida em que lhe apraz. E tudo isso acontece visando única e exclusivamente a glória de Deus.

ABSTRACT

In order to achieve a better understanding of God's gracious action in the life of the non-elect, one must turn both to Scripture and Reformed theology.

To that end, it is important to make a historical research of the theological thought of seminal authors like John Calvin, Abraham Kuyper, and Herman Bavinck on the concept and development of the doctrine of common grace. This development culminated in the controversy on common grace that took place in the Christian Reformed Church in 1924. This essay intends to show, from the evidences of the Holy Scriptures, how this divine gracious action restrains sin and its effects in the life of humankind as well as bestows gifts, talents, abilities, and skills on people, in order to promote their development in society.

KEYWORDS

God's gracious action; Common grace; Controversies; Restriction of sin; Gifts and talents; Development of society.